

MARGARIDA SABÓIA DE CARVALHO E A CRÔNICA

Sânzio de Azevedo

Não há nenhuma novidade em afirmar que a crônica oscila entre mais de um gênero literário. Para Massaud Moisés, “classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e / ou imaginárias, etc.” O mesmo autor conclui que “a crônica constitui o lugar geométrico entre a poesia (lírica) e o conto”.¹

Quem percorrer as páginas do livro *A Crônica*, de Jorge de Sá, vai ver que o autor, depois de se referir à carta de Pero Vaz de Caminha, a quem considera cronista, cita Paulo Barreto, o João do Rio, na sua opinião “o cronista mundano por excelência”,² e pula para os cultores do gênero em nosso tempo, como Rubem Braga e outros.

Ora, não se pode ignorar que eram crônicas os textos que, desde 1854, José de Alencar estampava no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, sob o título de “Ao Correr da pena”. E crônicas seriam também publicadas em periódicos por Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis e outros mais.

Alguns escritores da virada do século XIX para o século XX chegaram a reunir em volumes suas crônicas de jornal; é o caso, entre outros, de Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto. Acrescente-se que duas mulheres se destacaram no gênero, então: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores.

Depois, sim, viriam João do Rio, Humberto de Campos, Benjamin Costalat, Álvaro Moreyra e alguns mais.

Modernamente, além do citado Rubem Braga, lembre-se os nomes de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Otto Lara Rezende, Henrique Pongetti, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e o às vezes esquecido Antônio Maria, entre outros.

No Ceará, é justo recordar “Os Quinze Dias”, de João Lopes, n.^a *Quinzena*, órgão do Clube Literário, em 1887. com o mesmo título,

a crônica de abertura do jornal *O Pão*, da Padaria Espiritual, em 1895 e 96, redigida por Antônio Sales e, eventualmente, por Valdemiro Cavalcante, José Carlos Júnior, José Carvalho, Carlos Vítor e Artur Teófilo.

No século XX surgiram os nomes de João Jacques, Carlos Cavalcante (Caio Cid), João Clímaco Bezerra, Milton Dias, Ciro Colares, Cândida Galeno, Otacílio Colares, Mozart Soriano Aderaldo e, perdoadada alguma omissão, Margarida Sabóia de Carvalho, tema de nossa conversa.

Filha do escritor (Eduardo Sabóia, jornalista e contista que fez parte da Padaria Espiritual em sua segunda fase), esposa de escritor (Jáder de Carvalho, poeta, advogado, jornalista, romancista e sociólogo, membro da Academia Cearense de Letras) e mãe de escritor (Cid Sabóia de Carvalho, jornalista, jurista e poeta, também membro da Academia Cearense de Letras), Margarida Sabóia de Carvalho militou ativamente na imprensa de nossa terra, quer escrevendo contos e crônicas, quer assinando artigos sobre política, fosse na *Tribuna do Ceará*, fosse no *Diário do Povo*, jornal dirigido pelo seu esposo.

Chegou a publicar apenas um livro, *A Vida em Contos*, em 1964.

Tendo nascido em Fortaleza, no dia 23 de agosto de 1905, viria a falecer na mesma cidade, no dia 9 de junho de 1975, antes de completar setenta anos de idade, portanto.

Postumamente, em 1976, seria publicado pela Editora Terra de Sol seu livro intitulado simplesmente *Crônicas*. Trazendo esse livro apresentação de minha autoria, cabe-me relatar, aqui, um fato que muito me honra: Jáder de Carvalho, que era amigo de meu pai, Otacílio de Azevedo, e que me distinguia com sua amizade, encarregou-me de selecionar e prefaciar cem crônicas de sua esposa e, para isso, me pôs nas mãos toda a coleção do *Diário do Povo*.

As crônicas de Margarida Sabóia de Carvalho não se revestem, geralmente, de notas pessimistas, mas pode-se afirmar que inúmeras vezes a sombra da dor espalma as asas escuras sobre suas palavras, densas de emoção.

Nessas páginas vejo realismo. Não o Realismo (com *r* maiúsculo) que se constitui em corrente estética ou estilo de época nas últimas décadas do século XIX e avançou pelo século seguinte. O realismo das crônicas de Margarida Sabóia de Carvalho é o enfoque da existência através de um prisma objetivo, sem distorções da rea-

lidade. Claro que há uma transfiguração, sem a qual não poderíamos falar em literatura.

Mas a escritora não se ilude: se não pretende tudo colorir com pinceladas sombrias de negativismo, também não se dá à tarefa ímproba de querer infundir-nos um otimismo postiço, de extração panglossiana.

“Dor de Viver”, crônica datada de 1963, fala de uma menina de nove anos de idade que, ao levar um tombo, batera com a cabeça em uma pedra. Chorou e, como depois quisesse dormir, sua mãe, atenta ao perigo de se dormir depois de uma queda, mandou que ela fosse brincar na casa de sua avó.

Ao retornar, a garota disse que sua cabeça doía muito. Levaram-na a um médico que, após ligeiro exame, afirmou que ela estava bem. Outro retorno e, depois de um mal-estar, a menina revelou que se sentia melhor. E a crônica termina assim:

“Mas os olhos logo se cerraram e como débil candeia que o vento apaga a menina caiu sobre os travesseiros e cessou de respirar e de sofrer. Não houve despedida, não houve derradeiras palavras de saudade. Houve só o choro desesperado dos pais e dos irmãozinhos.

“Penso que é essa uma das facetas da dor de viver. Também o ‘Penso logo existo’ bem que pode ser substituído pelo ‘Sofro logo existo’. Sem pensar há muita gente. Sem sofrer haverá alguém?”

Em “Destino”, fala-nos a escritora de um médico que havia operado um jovem que apresentava um defeito na perna direita, cortando-lhe o fêmur e unindo as duas partes com uma placa de metal, na qual pôs suas iniciais. Anos depois, o mesmo cirurgião foi chamado a socorrer um rapaz que havia sido atropelado por um ônibus. Que fale a cronista:

“Caso grave: a perna direita esmagada, necessidade de imediata amputação na parte superior da coxa. Feita a operação, grande pasmo apoderase do operador: lá estava a placa de platina com as iniciais! F. pergunta o cirurgião: não será o homem impotente para desviar-se das determinações de Deus? Não seria aquilo uma resposta irônica do Destino?”

Mas afirma a escritora: “Nem assim creio no fatalismo das cousas. Nem assim aceito a assertiva: o que tem de ser carrega muita força. A fatalidade, com seus milhares de braços, qual hidra gigantesca, é quem anda colhendo um e outro, ao longo da vida. E na sua inexorabilidade nivela todos os mortais, na grande lei humana do sofrimento.”

Na mesma linha, em “Foi Deus quem quis...”, depois de aludir ao processo de humanização por que passara a Igreja com a ascensão do Papa João XXIII, assim conclui a autora seu texto:

“Certa vez, uma criança foi esmagada por um carro em disparada. Em meio à dor que cercava o menino morto, uma voz se elevou: ‘Foi Deus quem quis...’ E eu, na minha pequenez, não pude deixar de defender a grandeza do Criador: ‘Deus, não. Um ser de suprema bondade jamais escolheria fim tão cruel para um pobre meninozinho. Foi descuido do guiador ou imprudência do garoto. Se alguma responsabilidade está fora da Terra, então é do Inferno, nunca do Céu...’”

Mas, fugindo de coisas trágicas, há uma página, intitulada “Confusão”, com a qual pode muita gente não concordar, mas que aborda um problema interessante e não muito simples. Começa a cronista a discorrer sobre uma reunião de pessoas idosas, todas afirmando que a Fortaleza de seu tempo era bem melhor do que aquela, dos anos 60 do século XX: cadeiras na calçada, retretas no Passeio Público, fartura nos mercados, tudo calmo...

Ao que indaga a jornalista: “Seria a nossa Fortaleza, recuando-se no tempo, melhor do que a de hoje?” E ela mesma responde não crer nisso, e lembra a falta de casas de saúde, de postos de automóveis, de rádio, de televisão, de cinema falado, etc., sem esquecer o que chama de “milagre dos crediários”, que elevou o padrão de vida de muita gente. E faz esta observação:

“Na realidade, há uma lamentável confusão entre as criaturas. O que era melhor no tempo passado deviam ser elas e não o meio ambiente. Elas é que estavam na juventude e tudo lhes parecia sorrir. A cidade provinciana que foi a Fortaleza da mocidade passada avulta na saudade como gleba de sonhos e esperanças. As próprias falhas de que se devia ressentir a capital – e contavam-se às centenas – valorizadas pelo tempo viram virtudes ao invés dos defeitos.”

E logo em seguida dá seu próprio testemunho:

“Às vezes, passo pela antiga Praça da Lagoinha, hoje enfeitada de jardim e casa de saúde, e tenho saudade desesperada dos tempos em que era um campo aberto encharcado de chuvas, com meninos jogando futebol. É que é esta a paisagem de meus tempos de menina colegial. E quem vai comparar a criatura vivida e desiludida de hoje ao ser mal encurado na vida,

cheio de sonhos e esperanças? Decerto que a praça não era melhor naqueles tempos. Eu, sim, era melhor. E só por isso sinto saudade.”

É bem interessante a maneira como a escritora aborda determinados problemas. No texto intitulado “Incoerência”, refere-se à brandura com que julgamos nossos próprios erros, e à dureza com que condenamos os dos outros. Diz ela: “Arrogamo-nos o direito do pecado, mas exigimos dos semelhantes uma virtude que estamos longe de possuir.”

Exemplifica:

“Os cangaceiros de Lampião saqueavam, assassinavam, levavam o terror, a desonra, a humilhação, entre cantos e apelos à proteção da Divindade! Julgavam-se mercedores do amparo dos santos que cultuavam e até do manto imaculado da Virgem para cobrir-lhes as tropelias. Do outro lado é que estavam as vítimas, mas a eles é que Deus – suprema sabedoria e suprema justiça – haveria de amparar.”

E fechando a crônica:

“Cada qual chama para si a aliança de Deus. E nem pára a meditar sobre a justiça do que pretende fazer. Rezando e confessando depois as próprias culpas e para elas obtendo a absolvição aqui na terra, que ele julga válida mesmo sem o arrependimento sincero, terá saldado a sua dívida com a divindade. Ora, que dó deve sentir o criador das suas criaturas!”

Da crônica “Quando se dispensam as palavras” basta que se leia o parágrafo inicial, que por sinal é o mais longo de todos:

“Nunca pude esquecer a cena, apesar dos anos decorridos. E, ainda hoje, ao recordá-la, sinto renascer a mesma desagradável sensação de espanto e vergonha que, então, me tolheu. O caso é que uma amiga minha, ao pé do caixão de um ente caríssimo, começou a despedir-se do morto em voz alta, usando frases estudadas, talvez com pretensões a literatura! Algumas pessoas devem ter tido sensação idêntica à minha, outras – podem crer – chegaram a disfarçar um sorriso contrafeito e, em ninguém mesmo, conseguiu a pobre despertar o sentimento desejado: piedade pela sua desgraça, expressa de maneira tão patética. É que os grandes desgostos, as grandes emoções, as dores infindas são sempre mudas. Não há palavras capazes de expressá-las. Todas pesadas, ridículas, inexpressivas. O silêncio fala muito mais alto.”

Em “Piedade”, conta a autora que, no *Diário do Povo*, descobriu-se “que um homem, iludindo a vigilância das oficinas, nelas penetrava e do depósito roubava mantas de papel, aliás caríssimo”.

Uma noite, o homem foi visto, e alguém gritou: “Telefona logo para a polícia!” Houve correria, o homem foi cercado e afinal foi preso, sem maiores dificuldades. E diz a escritora:

“Lá vinha ele rodeado pelo pessoal do jornal. Pus os olhos no rapaz ainda moço e começou-me a bater o coração de pura piedade. Sujo, descalço, quase esquelético, era o desgraçado a imagem viva da fome e do desamparo. Enquanto isso, visivelmente amedrontado, ele titubeava desculpas e explicações. “A narradora do episódio tomou a decisão de não chamar a polícia, como alguns sugeriam, e há nessa página um trecho que mostra a grandeza de alma de Margarida Sabóia de Carvalho. Confessa ela:

“Ficando sós, tratamos na Redação de arrecadar entre os companheiros algum dinheiro para o infeliz morto de fome. Eu, porém, sentia uma sensação esquisita. Acudia-me a impressão de que devia eu pedir-lhe desculpas. Desculpas de que fosse ele tão infeliz, no mundo em que nós ambos vivíamos. Desculpas pelas refeições que eu já tivera naquele dia, enquanto ele nem simples pedaço de pão levava à boca. Desculpa, enfim, pelo fato de poder eu ser honesta e ele, obrigado a roubar.”

“Interrogações”, inicia-se com estas reflexões:

“Sei que muitos hão de sentir-se neste estado de espírito em que me vejo agora: olha-se a estrada da vida, examina-se bem o trecho já percorrido e vem, repentinamente, essa impressão de fracasso, de nada realizado. O que mais desejávamos ainda não chegou. Os sonhos morreram, se desfizeram sem transmutar-se em realidade.”

E, após algumas considerações sobre o passar dos anos, sobre as mudanças ocorridas no mundo, na cidade, nas pessoas, o parágrafo que encerra esse texto revela a preocupação da escritora com o sentido da existência:

“Sei haver quem classifique de vida o simples existir. No entanto, a palavra comporta idéia mais viva e mais profunda. Há quem exista sem viver. E que ciência tão bela não será esta, a da vida, da qual muitos não se apercebem! Vive-se quando se lê, vive-se quando se contempla a beleza. Amar é viver. Sofrer é viver. Deus meu, quanto

cousa existe no mundo que é, de fato, viver, e como essa força vital transforma as criaturas, tornando-as tanto mais interessantes, tanto mais amáveis e compreensivas quanto mais se afastam da banalidade e do mesquinho!”

Pode-se constatar a sabedoria que se contém em várias páginas dessa autora. Começa ela a crônica intitulada “Conselhos...” confessando singelamente que nunca soube aconselhar as pessoas que dela se acercavam pedindo-lhe uma orientação qualquer. Em seguida, comenta:

“É tão fácil, mas é quase sempre tão hipócrita, dar conselhos resumidos em simples palavras! Quem não se acha com direito de dizer – resigne-se – quando a dor é dos outros? Quem não se torna eloqüente ao incutir coragem a outrem, se encontra ao abrigo de qualquer risco? Não, não creio na eficiência do ‘faça o que eu disser’. Conselhos convincentes só aqueles que vêm de atos reais.”

E, para demonstrar que nem sempre cremos naquilo que pregamos, conta ela a história de um homem rico, “senhor de terras e servos”, que, procurando aperfeiçoar-se moralmente, abrigou em seu suntuoso castelo um monge que possuía unicamente algumas roupas e um cajado, e que parecia haver alcançado a virtude do total desprendimento das coisas da terra.

Ao passo que o monge ia falando, o castelão se ia desfazendo de muitas de suas comodidades. Mas eis que, uma noite, irrompeu no castelo um pavoroso incêndio, que ia destruindo todos os tesouros acumulados ao longo dos anos. Com a palavra a cronista:

“Foi quando o monge, desvairado, correndo daqui para ali, encontrou-se com seu aluno.

“ – Senhor, que desgraça! Nada se salvará do castelo!

“ O proprietário replicou calmo:

“ – Que importa? Tudo na Terra é transitório, tudo na Terra é pó. Que valem riquezas terrenas?

“ – Senhor, não será possível tentar a entrada no castelo?

“ – Não te amofines com o que eu vou perder. Nada valem aquelas quinquilharias custosamente colecionadas. Deixa que o fogo as destrua.

“ – Senhor, senhor – e o monge não escondia a aflição – é que lá desto ficaram as minhas roupas e o meu cajado...”

Há um texto, intitulado “Coragem de viver”, no qual, após discorrer sobre os êxitos científicos de Marie Curie, a descobridora do *radium*, afirma a escritora cearense:

“Eu fecho, porém, os olhos a todos os títulos de glória da grande cientista polonesa, e volto-me para um traço sutil da sua personalidade: a coragem diante do sofrimento.”

Fala então do grande amor da vida dessa mulher notável, e que foi seu esposo, o cientista francês Pierre Curie, o grande colaborador em suas pesquisas. E destaca o fato de Marie, em todos os seus relatórios, dizer: “Nós conseguimos... Nós chegamos à conclusão...” Jamais escrevendo “Eu consegui”, e falando sempre pelos dois.

Pareceria essa uma vida de completa felicidade, com tal comunhão de sentimentos e pensamentos.

Mas vamos ouvir mais uma vez a cronista conterrânea:

Pois bem, um dia a adversidade abateu-se sobre esta mulher: pesado veículo esmagou, nas ruas de Paris, o corpo de Pierre Curie.”

Para Margarida Sabóia de Carvalho devem ter vindo à memória de Marie Curie as palavras que um dos dois pronunciou, ao tempo dos trabalhos mais duros: “Juremos: mesmo que um de nós desapareça, o outro continuará as pesquisas sem desfalecimentos...”

Segundo diz a cronista, a cientista europeia “fez exatamente o que o querido morto desejaria que ela fizesse: teve coragem de continuar a viver, qual se o luminoso espírito dele lhe fornecesse o necessário alento”.

Encerram essa crônica estas palavras fortes:

“Tenho pensado muito em Marie Curie, esses últimos dias. E o faço com o mesmo desespero com que o náufrago se agarra à tábua de salvação. O que eu quero é que a fortaleza desta mulher me ampare na minha fraqueza. E sua coragem dê alento à minha covardia diante da dor. E o seu exemplo me ajude a continuar a viver. Ensinado-me a não entristecer os outros com a minha desdita. A guardá-la só para mim. A viver, sim, embora tudo dentro de mim peça apenas para morrer...”

René Wellek e Austin Warren, com sua indiscutível autoridade de mestres da Teoria Literária, afirmam: “Não existe qualquer relação entre ‘sinceridade’ e valor artístico”.³ Para eles, um poema de Byron não seria melhor nem pior por se ter baseado em sentimentos verdadeiros. Exato, do ponto de vista estético, mas ninguém poderá

negar o fascínio que envolve os poemas ou as narrativas que tenham fundamento em fatos verídicos. E, acrescentando-se, Wellek e Warren não negam o valor da contribuição do real: “A biografia pode ser apreciada em relação à luz que projeta sobre o próprio produto da poesia.”⁴

Aqui não se trata de poesia, mas é evidente que esse trecho de Margarida Sabóia de Carvalho poderá ser entendido melhor e sentido com maior intensidade, suponho, se o leitor souber da morte de seu filho, ainda bem jovem, fato que nublou profundamente a vida da escritora, a ponto de povoar várias de suas páginas, embora muitas vezes implicitamente. Por sinal, no seu citado livro *A Vida em Contos*, ela pôs esta dedicatória: “À memória do meu querido filho Jáder de Carvalho Filho, cujo desaparecimento aos 20 anos é a grande mágoa da minha vida.”

Note-se, porém, que sua tristeza não é de caráter derrotista, pelo menos em grande parte de seus escritos. Muita vez, embora mascarando de certa forma algum pensamento sombrio, a autora diz aos seus leitores, a título talvez de consolo, que, tendo a vida de oscilar entre os dois extremos da dor e da alegria, “é preciso olhar a ambos com a mesma coragem e desprendimento”.

E na crônica “Vida, pessimismo e Schopenhauer”, depois de a escritora comentar a influência do grande filósofo de Dantzig, as palavras finais soam como uma espécie de refrigério a tantas outras páginas tristes que a autora escreveu:

“Muito mal fez o filósofo alemão à mocidade, matando-lhe a alegria de viver, impondo-lhe um pessimismo que nada constrói, antes destrói o ânimo necessário à luta pela vida, onde haverá sempre vitoriosos e derrotados. Meus jovens patrícios, se vocês querem estar entre os primeiros, leiam com reserva o filósofo que não pôde cantar a glória do amor, e olhem, bem de frente, a vida, sem pessimismo nem desfalecimento. Nem só de sofrer vive o homem...”

Muito ainda teria a dizer sobre as crônicas dessa contista e jornalista que eu, muito jovem, tive a oportunidade de ver, nos anos 50 do século passado, na redação do *Diário do Povo*, de Jáder de Carvalho, na Avenida Tristão Gonçalves, não triste, naquele tempo, mas risonha, com seus olhos brilhando através das grossas lentes dos óculos de míope...

Penso entretanto que são horas de encerrar esta conversa, não sem antes transcrever algumas frases colhidas ao longo de vários textos da escritora.

Numa página sobre o famoso ator norte-americano Clark Cable, por ocasião de seu falecimento em 1960, depois de falar de seu talento e da beleza que ele irradiava, apesar de maduro, afirma a cronista que os milionários de dinheiro são enfatuados e os milionários de saúde são egoístas, para concluir: “milionários, mesmo, são os do sentimento. Os literatos, os artistas, os poetas, todos aqueles que são seres de exceção, porque passam pelo mundo vivendo muito mais do que o comum dos mortais”.

Isso vai coincidir com o que ela afirma em outra página: “Os 24 anos de Castro Alves, cheios de revolta, plenos de sensualidade, transbordantes de poesia, valeram mais que muita existência terminada na extrema velhice.”

Escreveu ela noutra página: “Que eu deixe aos que me quiseram sobre a terra uma impressão de vitalidade e inquietação, e nunca a de ruína e decadência. É isso que ousou pedir ao destino.” Julgo ter Margarida Sabóia de Carvalho alcançado o que desejava, com as páginas que deixou, escritas com sinceridade, talento e, sobretudo, com alma. Páginas que bem merecem uma reedição, para que nossa memória, geralmente tão precária, guarde o nome dessa escritora que soube honrar a tradição literária de nossa terra.

NOTAS

1) **MOISÉS**, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p.111.

2) **SÁ**, Jorge de. *A Crônica*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985, p.9.

3) **WELLEK**, René & **WARREN**, Austin. *Teoria da literatura*. 4ª ed. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Europa América, s.d., p.93.

4) **WELLEK**, René & **WARREN**, Austin. Op. Cit., p.87.